

Deus Dionísio: concepções acerca da autodestrutividade e da compulsão à repetição

Valderez Figueira Timmen¹

Ana Lúcia Lamberti²

Giani Rodrigues Duarte³

Juciane dos Santos Pavi⁴

Letícia Müller Cabral Loss⁵

Márcia Bohrer⁶

Nícolas Ruschel Petry⁷

Resumo: Instigados a respeito das condutas autoagressivas e do uso da compulsão à repetição na atualidade, procuramos entender como se dá a constituição dos sujeitos da contemporaneidade, refletindo sobre seu desenvolvimento e fragilidades na constituição, assim como na intensificação

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta e Especialista em Psicologia Escolar e Psicologia Clínica CFP. Especialista em Dinâmica de Grupo pela SBDG. Docente e Supervisora do IPSI (Instituto de Psicologia – Nova Hamburgo, RS); colaboradora do livro Crianças e Adolescentes em psicoterapia: uma abordagem Psicanalítica (ARTMED, 2007); autora dos livros: Infidelidade de traição – Um estudo psicanalítico sobre a infidelidade e outros trabalhos conjugados, conjugais e cotidianos (Ed. Ultra, 2015); O cheiro do desejo em cena (Edição do Autor, 2017); Capacidade Negativa: Um caminho em busca de luz (Zagodoni Editora, 2019).

² Psicóloga.

³ Psicóloga, especialista em psicologia clínica de orientação analítica.

⁴ Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica pelo Ipsi – Instituto de Psicologia de Novo Hamburgo.

⁵ Psicóloga.

⁶ Psicóloga, Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, docente e supervisora do Ipsi - Instituto de Psicologia de Novo Hamburgo.

⁷ Psicólogo.

de sua autodestrutividade. Tomamos Dionísio, o mito, aquele que vive na intensidade e nos excessos, como metáfora para pensar esse sujeito e ancorar nossos questionamentos na obra freudiana, em Joel Birman e no filósofo Byung-Chul Han. Nossa hipótese é de que os indivíduos ficam submetidos à compulsão à repetição e à narcotização de seu Princípio do Prazer, fruto do empobrecimento dos investimentos libidinais e, conseqüentemente, das representações psíquicas, resultado do excesso traumático da contemporaneidade.

Palavras-chave: Compulsão à repetição. Destrutividade. Pulsão de morte.

Introdução

Pensando na civilização e em seus fenômenos sociais como uma espécie de lente, através da qual olhamos, entendemos e discutimos o nosso mundo, procuramos pôr foco no aumento das repercussões destrutivas da contemporaneidade. Atualmente, as expressões agressivas se apresentam, com mais intensidade, sob formas de autoagressão. As técnicas de infligir dor a si mesmo são vastas, aparecendo como sintomas de depressão e ataques de pânico, por exemplo, e até uso de drogas e psicotrópicos, resultando em uma “morte em vida” (Borges & Paim Filho, 2017). Instigados sobre os possíveis caminhos da destrutividade atual e como esta se desenvolve contra o próprio sujeito, refletiu-se acerca dos dinamismos sociais contemporâneos, procurando relacioná-los ao mito do Deus grego Dionísio e ao modelo pulsional freudiano.

Freud, em 1920, no texto *Além do princípio do prazer* (1920/2010b), assinala que todo o sujeito nasce pura pulsão, uma energia desligada que busca a satisfação imediata. Porém, precisa ser mediada pelo objeto libidinizador, a fim de transformar essa energia, que em si é autodestrutiva, em uma força com propriedades de ligação, fundando o circuito pulsional. A partir da captura pulsional originária, é possível o estabelecimento do Princípio do Prazer como regulador das tensões, mantendo a função de estabilizar as excitações. Como essa captura não compreende todo o quantum de excitações, uma parcela permanece subordinada à compulsão à repetição.

Para o filósofo Byung-Chul Han (2018), a destrutividade foi alterada a partir da conversão da topologia da violência, que inverteu os impulsos destrutivos que até então eram expostos e focados ao ambiente externo, fazendo parte do cotidiano. Atualmente, a agressividade se desloca para o ambiente intrapsíquico: o jogo de forças entre Id, Ego e Superego desloca o front de batalha para dentro do sujeito. O resultado é a incidência cada vez maior de autoagressividade.

A partir da contemporaneidade, as figuras de poder se deslocam: a Sociedade do Poder é substituída pelo modelo positivista da autoexploração, no qual o sujeito se vê responsável pelo seu desempenho e êxito individual. Assim, o modelo capitalista do explorador e do explorado passa a ocorrer dentro do próprio sujeito, que se torna, ao mesmo tempo, vítima e carrasco de si mesmo (Byung-Chul Han, 2017). O Eu decreta guerra com si mesmo, envolvendo sua autoagressividade, constituindo autocoerções destrutivas, que desembocam em sintomas como o *burnout*, as doenças do vazio, o suicídio e a depressão. As principais doenças do séc. XXI carregam a marca da autoagressividade.

Paralelamente, para Borges e Paim Filho (2017), a narcotização, seja por droga, seja pelo uso desenfreado de psicotrópicos, é premissa básica da cultura atual, marcada pela necessidade de encurtamento de caminhos, em função da incapacidade crescente de tolerar as angústias e fazer uso do processo do pensamento. Assim, a autodestrutividade também se opera, aderindo a uma “morte em vida”, a partir do anestesiamento de si, em virtude da necessidade de proteger-se contra o sentimento de desamparo fundamental.

No entanto, esse desamparo é a “tragédia inerente a todos nós” (Borges & Paim Filho, 2017, p. 172), marca fundamental de nossa constituição, que faz necessária a ação de um outro sujeito, capaz de ocupar-se das demandas pulsionais e investir libidinalmente, constituindo as vicissitudes da formação do aparelho psíquico. Tais investimentos vão possibilitar o direcionamento da destrutividade, inerente ao ser humano, podendo fazer com que ela se divida em dois caminhos, com o intuito de enfraquecê-la: parte vai para fora, como destrutividade, parte fica solta dentro do aparelho, sob a forma de masoquismo erógeno primário (Freud, 1924/2011).

Sendo assim, pode-se pensar que as condutas autoagressivas atuais não se tratam de uma inversão, mas são, em si, o resultado de algumas alterações culturais da contemporaneidade, sobretudo nas formas de encontro desse objeto que realizará a ação específica (Machado & Paim Filho, 2018). Com poucas capacidades de ligação da pulsão, o sujeito fica à mercê da compulsão à repetição, utilizando da ação como forma de alívio das tensões e do excesso para não sentir o desamparo fundamental (Birman, 2014). Entre as formas dessa narcotização, encontram-se as toxicomanias, forma dominante na contemporaneidade para lidar com o vazio.

O Deus Dionísio, aquele das intensidades, será nosso objeto de estudo para relacionar nossas proposições acerca do domínio da compulsão à repetição e da autodestrutividade, sustentando-as nos conceitos apresentados por Freud a partir do clássico *Além do princípio do prazer* (1920/2010b).

Apresentação do mito: o que quer Dionísio?

Dionísio foi o Deus mais itinerante. Vagou pela Terra, envolvendo os humanos em seus ritos frenéticos, regados a vinho, bebida que inventara para “relaxamento dos êxtases” (Bolton, 2004, p. 190). Em suas peripécias, deixara-se feito refém de piratas, de reis e humanos que não o percebiam como Deus, tamanha sua diferença para com os Deuses do Olimpo. Mas, afinal, o que queria Dionísio? Nunca contente, procurava no frenesi de seus ritos a possibilidade de entorpecer seus participantes. Assim, deixava todos como ele: entorpecido, satisfeito em si mesmo, resultado de seu masoquismo tanático (Machado & Paim Filho, 2018).

Dionísio não queria ser adorado, não queria estar acima do bem e do mal, julgando e castigando os humanos. Seus investimentos narcísicos o mantinham na indiferença. Dionísio apenas procurava pela intensidade: bebida, orgias, música e tudo liberado; estava em busca do alívio de suas excitações, em uma festa que nunca terminava. Em sua ação, descarregava suas excitações e, ao mesmo tempo, tinha assegurada sua existência, maneira pela qual impedia-se de ser inundado por suas angústias (Birman, 2014).

Vagando pela Terra, era acompanhado por seu ruidoso cortejo de Sátiros, Bacantes e Faunos, inebriando-os em suas festas: era, de fato, o Deus mais próximo dos humanos (Pouzadoux, 2001) e o Deus da intensidade, característica essa que o aproxima ainda mais do conceito de humanidade dos dias atuais. Mas podia então Dionísio ter algo a desejar?

Filho de Zeus com a princesa Tebana Sêmele, Dionísio fora criado na coxa de seu pai, quando este matou sua mãe. Morte anunciada: ao conceder um pedido à princesa, Zeus a informou de que ele não poderia aparecer para ela, mas Sêmele o quis mesmo assim, influenciada por uma Hera⁸ traída e invejosa. Sêmele viu Zeus e morreu na hora, transformando-se em cinzas. Zeus era demais para a princesa. Dionísio tem timbrado, já no início de sua história, a marca da intensidade. Sêmele, por sua vez, não abre mão de seu desejo em nome do filho: confrontada entre sua curiosidade e a vida do filho, opta pelo filicídio (Borges & Paim Filho, 2017). Como poderia Dionísio ser diferente?

⁸ Embora Zeus fosse casado, tendo a Deusa Hera como sua legítima esposa, mantinha aventuras amorosas com mortais. Hera mantinha vigilância sobre o marido, ficando com muito ciúmes quando descobria as traições de Zeus. Procurava diminuir sua raiva vingando-se dessas mortais, matando-as, bem como assassinando suas famílias (Pouzadoux, 2001).

Além do princípio do prazer: cem anos de pulsão de morte

Para compreender como se estrutura a autoagressividade na sociedade contemporânea e a intensidade da compulsão à repetição, buscamos nos textos de Freud, após 1920, as bases para sustentar nossas indagações e auxiliar nosso pensar a respeito da constituição desses indivíduos.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919, Freud passou a repensar sua teoria. Depois de quatro anos de guerra, já não acreditava mais ser possível a humanidade ser regida pelo Princípio do Prazer; em sua visão havia um instinto agressivo dentro do homem que ele ainda não havia conceitualizado, mas já postulava na descrição do sadismo dirigido ao objeto internalizado, em 1914, no texto *Luto e Melancolia*, bem como a necessidade da repetição como mecanismo de satisfação do sofrimento, descrito no caso do *Homem dos Lobos*, de 1918. Até seu escrito *Além do princípio do prazer*, Freud (1911/2010a) acreditava que o aparelho psíquico era governado por uma questão econômica entre o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade, em que o primeiro buscava o prazer por meio da descarga das tensões e, paralelamente, o segundo tentaria levar em conta os arranjos da realidade e da cultura.

Após analisar os sonhos dos soldados sobreviventes da Primeira Guerra Mundial, entendeu que esses sonhos se limitavam a apenas reproduzir o evento traumático sem qualquer objetivo de modificação ou obtenção de prazer; Freud passou então a explorar a existência de instintos que buscam o desprazer e a morte. Esses instintos estão nos primórdios da existência humana, antes mesmo do Princípio do Prazer se estabelecer no arranjo psíquico, denominando-os então de pulsão de morte: a energia livre e anárquica com tendência a buscar a volta ao estado inorgânico do ser.

Freud (1920/2010b) definiu que “a pulsão de morte é semelhante ao Princípio do Nirvana . . . é um impulso inerente ao organismo vivo no sentido do restabelecimento de um estado anterior, a redução completa das tensões, a recondução do ser vivo ao estado inorgânico” (p. 228), ou seja, “o objetivo de toda a vida é a morte” (p. 229). A partir desse novo postulado, os instintos do ego ficam divididos em impulsos libidinais (sexuais/ autopreservação) e pulsão de morte.

Dessa maneira, Freud desloca o foco para a autodestrutividade, referindo que ela se apresenta inicialmente e a destrutividade aparecerá num segundo tempo. Reafirma que o indivíduo nasce pura pulsão, que pulsa de forma anárquica, buscando a descarga. Denomina tal momento como o tempo “zero”, o tempo das origens, das intensidades desgarradas. O sujeito para sair

desse estado precisa ser encontrado pelo objeto, que irá mitigar a força da autodestrutividade.

Nesse encontro, o objeto precisa mitigar a Pulsão de Morte, oferecendo os contornos para um vir a ser psíquico, libidinizando o sujeito com intensidades variadas de Pulsão de Vida e de Morte. Em tal momento, entra em jogo o psiquismo do cuidador, que é o elemento que confere a qualidade da ação específica, podendo intensificar ou mitigar a força da pulsão. A qualidade do encontro pode levar a dois caminhos: o primeiro, subordinado ao Princípio do Nirvana e à consequente impossibilidade de transformação; e o segundo, com possibilidade de significação e representação. No primeiro caminho, a partir da impossibilidade de domar a tensão, o masoquismo também sofrerá desdobramentos, fundando o masoquismo não-erógeno, caracterizado pelo prazer pela dor, fruto da parca libidinização, que o tornará tributário ao Princípio de Nirvana, narcotizando o Princípio do Prazer (Machado & Paim Filho, 2018).

O encontro também é compreendido como trauma primordial, pois o sujeito é invadido pelo objeto, determinando traços, marcas e representações, fundantes da psique. Esse aparato psíquico incipiente captura e transforma a energia livre em energia ligada, através dos destinos pulsionais, que aplacam a força da pulsão. A primeira ligação da libido com a pulsão solta se dá a partir do autoerotismo, ainda anterior ao Princípio do Prazer, vindo salvar o infante, contra seu desamparo, “para suportar a condição de desamparo” (Machado & Paim Filho, 2018, p. 9). A partir desse investimento, ocorrerá uma nova ação psíquica no sujeito, produzindo, assim, o narcisismo que propiciará a formação do ego ideal. Laplanche refere que esse é o momento em que o sujeito adquire uma imagem dele mesmo, baseada no modelo fornecido por seu objeto, e se apaixona por esta imagem (Laplanche & Pontalis, 1988).

Entendemos que nesse encontro sempre haverá uma parcela da pulsão que não poderá ser ligada: “eterna vigência de um quantum pulsional que não se deixa ligar na psique” (Machado & Paim Filho, 2018, p. 8). Buscando aliviar a tensão, estas pulsões o farão no modelo “arco-reflexo”: descarregar assim que acionado, sem a possibilidade de modificação dos destinos pulsionais. Seria esta quantia pulsional desgarrada, sem possibilidade de transformação, que prevalece em Dionísio e nos indivíduos na atualidade?

Dionísio: refém do quê?

Ao percorrer a trajetória de Dionísio, deparamo-nos com um indivíduo cuja mãe não abre mão do seu desejo pela sobrevivência do filho. Sêmele desejou ver Zeus, mesmo sabendo que morreria. Evidenciando, assim, sua dificuldade em cumprir seu papel na função materna e, conseqüentemente, na ação específica. E o pai, Zeus, não se mostra para o filho, sendo criado por famílias adotivas, não sabendo da sua real paternidade. Fruto de um duplo abandono, Dionísio vive não podendo pensar, evadindo da realidade e do mundo representacional. Entendemos que essa condição o mantém refém de seus ritos e da narcotização do Princípio do Prazer, numa infinita compulsão à repetição, tornando-se o “Sujeito das Intensidades”.

Paralelamente, as invocações de uma Hera traída continuam por toda a vida de Dionísio. Teríamos aí alguma possibilidade de investimento: uma mãe-Hera que vai ao encontro de Dionísio, mas não com objetivo de libidinizá-lo. Pelo contrário, as perseguições buscam a morte, fruto da destrutividade da esposa traída. Dessa forma, Dionísio fica refém de sua autodestrutividade, resultado da falta de encontro com um objeto libidinizador e da tirania de Hera.

Pensamos que é este processo que ocorreu com Dionísio: utilizava-se seus ritos frenéticos como forma de atingir o frenesi, ou seja, para anestesiar seu desamparo fundamental, fruto de seu duplo abandono. Sem os investimentos libidinais, recorria à narcotização como forma de proteção, lançando mão da compulsão à repetição. Desse modo, o Deus mais itinerante vagava pela terra, refém de sua autodestrutividade. As faltas de Sêmele e a destrutividade da mãe-Hera o impediram de construir condição desejante. Assim, Dionísio nada poderia querer, imbuído no registro da ação.

As subjetividades contemporâneas possuem modalidades específicas de ação. A explosividade é uma delas, não sendo possível conter o excesso no interior, para primeiramente simbolizá-lo e, posteriormente, transformá-lo em ação específica. O resultado dessa descarga de excitabilidade são manifestações emocionais incontroláveis, como as vividas por Dionísio, no mito. Reafirmando os imperativos da contemporaneidade: compulsão à repetição e intensidade das ações.

Diante do exposto, podemos questionar: estamos frente a um predomínio de Dionísios, Sêmeles e Zeus? Qual lugar o bebê/Dionísio da contemporaneidade tem no psiquismo da mãe? Os imperativos da sociedade do desempenho atravessam o sujeito atual. Nesse modo de vida tão intenso e acelerado, no qual o sujeito se vê como responsável integral de seu empenho e fracasso, torna-se

difícil abrir mão das possibilidades em nome do encontro com o filho. Nesse contexto, onde ficam as necessidades e projeções do bebê?

Sabemos que os bebês precisam lidar com as intensidades, assim como seus pais, e aqueles ficam submetidos aos seus objetos. Nesses encontros e desencontros se estabelecem as primeiras ligações das pulsões que correspondem ao autoerotismo, momento que oferece algum amparo para o desamparo. Posteriormente, a continuidade de investimentos libidinais permitirá o desenvolvimento do aparelho psíquico. No entanto, caso imperem os desencontros, cabe ao bebê refugiar-se em seu autoerotismo, o que o impedirá de adquirir recursos para negociar suas pulsões e orientá-las ao mundo externo. Sua autodestrutividade se evidenciará, assim, em um masoquismo não-erógeno. Dessa forma, o masoquismo narcotizante está relacionado com o autoerotismo: este que veio salvar o infante de sua própria destrutividade, no início da vida, continua então operando, como proteção, visto que as demais bases de ligação libidinal não foram construídas.

No entanto, Dionísio, procurando evitar a trágica e dolorosa experiência do desamparo, não encontra outra alternativa, fica agarrado ao cortejo que o segue, em suas festas e orgias, oferecendo a estes que o seguem seu corpo como objeto de gozo. Sendo o masoquismo o contrário da angústia, é melhor vagar pela Terra, colocando-se refém de piratas e humanos que não o veem como Deus, justamente para que a angústia do real seja afastada, mesmo que para isso deixe de ser Deus para ser um servo. O Masoquismo, então, evidencia a repulsa ao desamparo, apresentando-se de forma não erógena. Assim, Dionísio encontra prazer pela dor, busca ser punido pelo sofrimento, independentemente de sua origem, o que o deixa à mercê: vagando pela Terra, fazendo-se refém, vivendo suas orgias regadas a entorpecentes que o impedem de pensar, evidenciando a tendência do masoquista a sempre oferecer a face, onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe (Freud 1924/2011).

Para Birman (2014), a espacialização da experiência psíquica corresponderia no psiquismo à sensação de dor em detrimento da sensação de sofrimento. A experiência de sofrimento supõe a temporalização da experiência e a presença do outro, assim como da simbolização. Na dor, o sujeito não pode fazer qualquer apelo ao outro, é o desalento que se impõe, e o destino é a paralisia. A marca do sujeito, então, é a indeterminação, o agir sem pensar, a hiperatividade e o imperativo; é agir, logo existir. A ação se faz necessária na tentativa de se livrar do sentimento de dor, para que o indivíduo não se sinta inundado pela angústia.

No entanto, quando o alvo da ação não é mais alcançado, o sujeito se vê obrigado a utilizar-se da compulsão à repetição, modalidade que “impõe-se ao

psiquismo sem que o Eu possa deliberar sobre o impulso que inevitavelmente se impõe” (Birman, 2014, p. 84). Dentre as possibilidades de compulsão à repetição, encontram-se as toxicomanias, ações que visam o anestesiamiento do sujeito, a partir da narcotização de seu Princípio do Prazer.

Considerações finais

Cem anos depois de *Além do princípio do prazer*, a autodestrutividade continua central no sujeito contemporâneo. Com o imperativo da ação e da narcotização do Princípio do Prazer, as subjetividades atuais tornam-se, em grande parte, reféns da compulsão à repetição. Em uma sociedade de tantas possibilidades, marcada pela necessidade de desempenho individual, o sujeito tem sua capacidade de simbolização diminuída e seu aparelho psíquico enfraquecido, fruto das impossibilidades de encontro e libidinização. Dionísio ilustra bem as nuances contemporâneas: ao invés de manter-se como a maioria dos Deuses, passou sua vida vagando pela Terra, sem objetivos.

Poderia Dionísio desejar algo? Sem a capacidade de mitigar as pulsões e ligar os impulsos, transformando-os, o Deus não tinha como tolerar as faltas, característica inerente à possibilidade de desejar. Sua negociação com Hades, para buscar sua mãe da terra dos mortos, demonstra a incapacidade de Dionísio de realizar o luto pela morte da mãe e elaborar seus conflitos. Assim, a leva para o Olimpo, a protege, e passa o restante de sua vida em seus ritos, refém de sua autodestrutividade, aliado à conduta autoerótica.

No entanto, diante do enredo da concepção de Dionísio, em que a destrutividade se faz presente o tempo todo, por que ele não sucumbiu à morte (psicose)? Pensamos que sua morte não ocorreu pelo fato de Zeus, seu pai, por escolha própria, tê-lo gestado em sua coxa, e que os investimentos de Hera, ainda que carregados de destrutividade, deixaram, em Dionísio, mínimos registros de capacidade de manejar seu desamparo. Assim, este pôde defender-se das tendências de seu masoquismo não-erógeno, aliando-se ao autoerotismo e conseguindo manter-se vivo, apesar da impossibilidade de ascendência ao Princípio do Prazer. Dionísio fica refém do encontro de sua pulsão solta com a pulsão de morte de seus cuidadores, utilizando as condutas autoeróticas como proteção.

Dessa forma, podemos pensar nos Dionísios de hoje: jovens que se refugiam nas condutas autoeróticas para defender-se dos sentimentos de desamparo. Frutos de uma sociedade do desempenho, calcada na positividade e na performance individual, que espaço tiveram na vida de seus pais e que

qualidade de encontro puderam ter? Poderiam ser também filhos de mães Sêmeles ou Heras? Enquanto Dionísio se utilizava dos vinhos e orgias, quais seriam as condutas autoeróticas atuais? Podemos pensar no uso desvirtuado da virtualidade, das drogas e dos psicofármacos. Não seria a própria virtualidade uma via perfeita de operar, ao mesmo tempo, masoquismo não-erógeno e autoerotismo, um lugar onde o jovem poderia sentir-se um Deus?

Se a sociedade contemporânea deslocou a destrutividade, a partir da conversão da topologia da violência, invertendo os impulsos à autoagressividade, a conduta autoerótica também se alterou. Percebemos essas mudanças nos sintomas atuais, arraigados na autoagressividade e no uso fixo do autoerotismo como consolo: seja na alimentação, na droga, seja na virtualidade. Paralelamente, as possibilidades de erotização e investimento objetal estão cada vez menores. Não à toa que o filho de Dionísio, Priapo, batiza com seu nome uma condição patológica comum na contemporaneidade: o priapismo, que caracteriza-se pelo sintoma de ereção prolongada sem desejo sexual, acompanhada de muita dor.

Dionysus God: conceptions about self-aggressiveness and repetition compulse

Abstract: Motivated about self-aggressive behaviors and the use of repetition compulse, we try to understand how contemporary subjects are constituted. Reflecting on its development and weaknesses in the constitution, as well as in the intensification of its self-destructiveness. We use the myth of Dionysius, god of intensity, as a metaphor for thinking about this subject and anchoring our questions in psychoanalysis and philosophy. We conclude our hypothesis that individuals are subject to the repetition compulsion and the narcotization of our Pleasure Principle, result of the impoverishment of libidization and of psychic representations, result of the traumatic excess of contemporary times.

Keywords: Death instinct. Destructiveness. Repetition compulsion.

Referências

- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bolton, L. (2004). *O livro completo da mitologia clássica: Deuses, deusas, heróis e monstros gregos e romanos de Ares a Zeus*. São Paulo: Madras Editora.

Borges, G., & Paim Filho, I. (2017). *Sobre o filicídio: Uma introdução*. Porto Alegre: Sulina.

Byung-Chul Han (2017). *Sociedade do cansaço* (2a ed.) Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Byung-Chul Han (2018). *Topologia da violência*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras completas* (Vol. 7). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1911)

Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In *Obras completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920)

Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)

Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (1988). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Machado, A. P., & Paim Filho, I. (2018, setembro). *Desconstruções e transformações - Masoquismo destino das pulsões: Origem do sujeito*. Trabalho apresentado no 32º Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis - FEPAL, Lima, Peru. Retirado de http://www.congreso2018.fepal.org/uploads/trabajos_prepublicados/02_machado_es.pdf

Pouzadoux, C. (2001). *Contos e lendas da mitologia grega*. (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 09/09/2020

Aceito em: 24/09/2020

Letícia Müller Cabral Loss
Rua Joaquim Nabuco, 828 / 1605
93310-001 – Novo Hamburgo – RS – Brasil
E-mail: leticialoss@outlook.com